

Comboio  
de Corda  
ROMANCE

**“O efeito dominó começa no tumor do tamanho de um limão, enfiado bem no meio do cérebro. E só acaba quando não há mais peças para cair. Meu pai perdeu o sono, a locomoção, o movimento da perna direita. Perdeu a loja de vidros, o futebol com os amigos e os jogos da Portuguesa no Canindé. [...] E o que eu deveria fazer no meio de tudo isso? Não sabia. Não tinha a menor ideia, na verdade.”**

202791

ISBN 978-65-5744-027-8



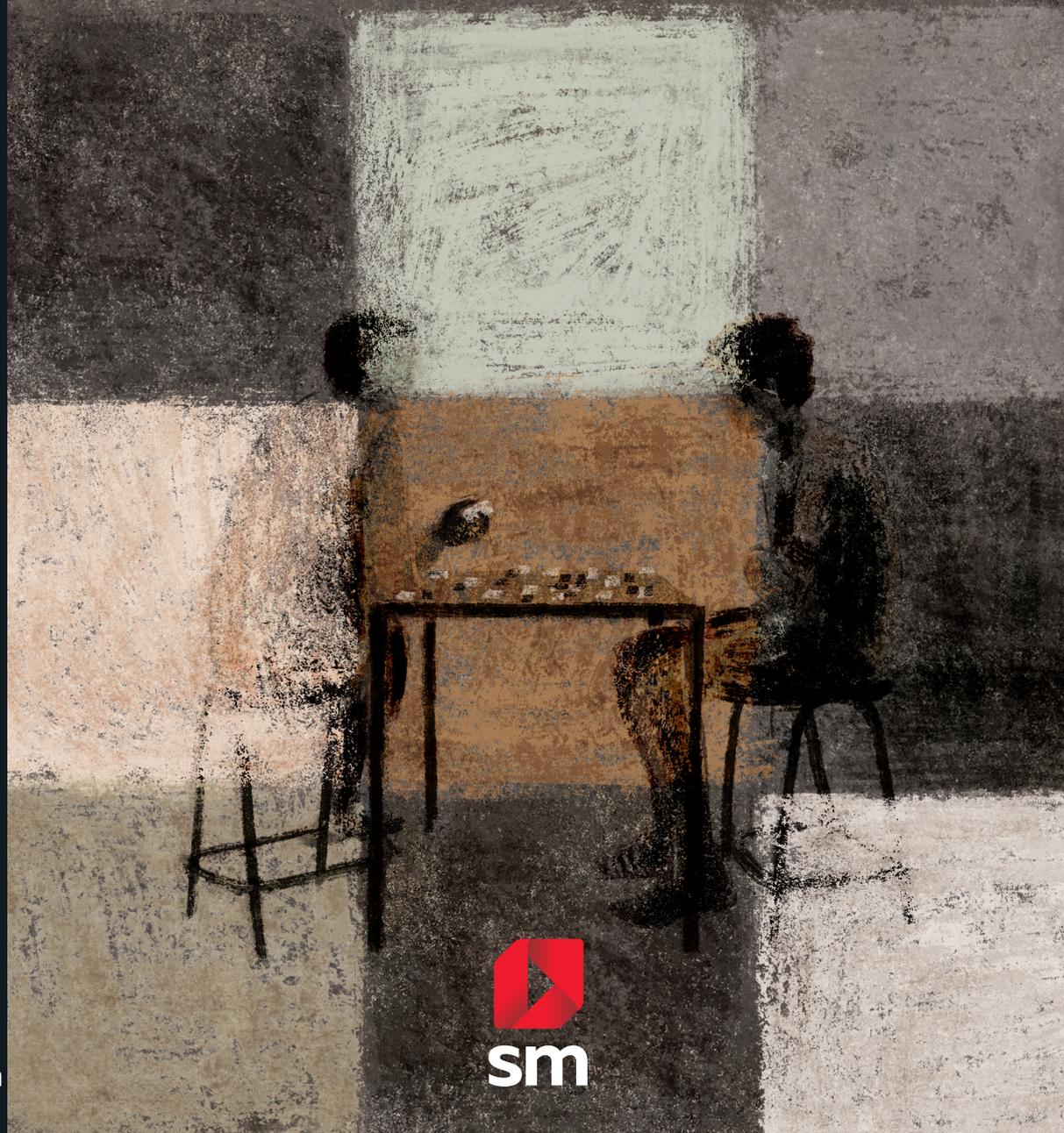
9 786557 440278

Pedro Tavares

PEÇAS DE UM DOMINÓ

# PEÇAS DE UM DOMINÓ

Pedro Tavares



sm

# **PEÇAS DE UM DOMINÓ**

© Pedro Tavares, 2019

Coordenação editorial: Graziela Ribeiro dos Santos

Assistência editorial: Olívia Lima

Preparação: Marcia Menin

Revisão: Carla Mello Moreira

Edição de arte: Rita M. da Costa Aguiar

Ilustração de capa: Anna Cunha

Produção industrial: Alexander Maeda

Impressão: <completar>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Tavares, Pedro

Peças de um dominó / Pedro Tavares. --

São Paulo : Edições SM, 2020.

ISBN 978-65-5744-027-8

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

---

20-36545

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

1ª edição novembro de 2020

Todos os direitos reservados à

SM EDUCAÇÃO

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

<https://www.grupo-sm.com/br>

# PEÇAS DE UM DOMINÓ

Pedro Tavares



*Para Elô.*

O teto do carro preto do meu pai era cheio de imperfeições. O cinza da parte interna já dava lugar a uma coloração amarelo-acobreada em alguns pontos, principalmente nas laterais. Buracos e falhas se espalhavam por todo o contorno, que parecia prestes a se esfarelar e revelar o ferro. Ele guiava e minha mãe ia no banco do passageiro. Atrás, minha irmã escutava algum CD dos Raimundos ou da Alanis Morissette no seu *discman* e eu ficava deitado com a cabeça no colo dela, olhando para cima. Via no teto do carro o espaço sideral, as estrelas e os planetas. Cada pontinho era um pedaço de galáxia; cada rasgo, um cinturão espacial.

Quando encostava o queixo no peito, conseguia acompanhar pela janela as árvores passando, como em um vídeo antigo, só que mais veloz. Passavam zunindo, fazendo desenhos que me lembravam os monitores de batimento cardíaco que via na televisão, para cima e para baixo, ininterruptamente, como um sinal de que ali a vida pulsava.

Aos domingos, no fim dos anos 1990, o destino era Araçariguanã, cidade do interior de São Paulo, com mercado, lojinhas, posto de gasolina, escola, igreja e uma única praça, onde ficavam o coreto e os velhos. Meu avô materno, depois de juntar algum dinheiro trabalhando como feirante, comprou um terreno e construiu uma casa na zona rural daquela região. Era “o sítio”, para mim.

A hora de viagem era feita, primeiro, com o rádio sintonizado em um locutor que dava as notícias com voz rouca. Quando minha mãe se cansava, enfiava a fita cassete do álbum *Revolver*, dos Beatles, goela

abaixo do aparelho, e seguíamos pela Rodovia Castelo Branco. Eu tinha dez anos de idade e cantava “Yellow submarine” mentalmente, em um inglês inventado. Não era um momento de conversa. Ou o som estava muito alto, ou o vento entrava pelas janelas abertas e rebatia nos nossos ouvidos.

– Tá vento aí atrás?

– Quê?

– Tá vento aí atrás?

Podia estar um vendaval dentro do carro, minha resposta era sempre não. Meu pai escancarava sua janela e deixava o cotovelo apoiado na porta. Dirigia tranquilamente, sem abusos, tanto que, na volta, se não parássemos para comer pamonha, eu dormia por quase toda a viagem e só acordava quando chegávamos à garagem do nosso prédio.

Às onze da manhã, o carro parava no portão do sítio. Minha mãe saía do carro, abria o cadeado e seguíamos pelo caminho que contornava o campinho de futebol e acabava lá no alto, onde ficava a casa. Bem na entrada, havia uma placa de madeira talhada com a inscrição “O Recanto das Seriemas”.

– Mãe, o que é seriema?

– É um pássaro de perna longa.

– Tipo um avestruz?

– É... só que menor.

Uma varanda em L, com piso de ladrilhos marrons, abraçava as paredes da casa. As redes eram penduradas ali, ao lado da grande mesa de almoço e de uma sinuca com feltro em diferentes tons de verde e que já não encostava os quatro pés no chão.

Mais à frente, uns dez passos para fora, um caminho de pedras gastas levava até a capelinha de paredes brancas descascadas, com pequenos vitrais coloridos nas laterais. No altar, minha avó deixava imagens de santos, uma bíblia grossa encostada em um apoio plástico e uma toalha bordada com imagens do Galo de Barcelos.

Eu morria de medo dos santos. Não fitava os olhos deles. Tinha a

impressão de que assim não descobririam meus segredos, então eu mantinha a cabeça baixa. Ia quando os raios de sol atravessavam as janelas, para observar os desenhos caleidoscópicos que se formavam nas minhas mãos e nos meus braços. Nunca vi meu pai entrar naquela capela.

Ele passava os domingos no puxadinho ao lado, onde ficavam a churrasqueira, a pia de cozinha, a geladeira velha cuja porta mal fechava e a mesa de madeira gasta, ladeada por dois bancos longos, estilo refeitório. Seu corpo magrelo, descamisado, suave perto do carvão ardendo. Usava sempre a mesma bermuda quadriculada em azul e branco impregnada com o cheiro de anos de churrasco. A tarde seguia com incontáveis jogos de dominó entre ele, meus tios e meu avô.

Eu não gostava de ir ao puxadinho. Só aparecia quando o esperado grito de carne pronta me atraía. Sabia que o ambiente não era meu. Toda vez que me aproximava de lá, era escalado para alguma tarefa, como pegar travessas na cozinha ou perguntar à minha avó em quanto tempo o arroz ficaria pronto.

Também não entendia nem um pouco do dominó deles, muito diferente do que eu jogava com os colegas da escola. Para começo de conversa, as peças não tinham nada a ver. Eu estava acostumado com as coloridas, de plástico, que ganhava nas festas juninas que frequentava. Já as do sítio eram profissionais, brancas, gordas, pesadas e, entre os dois números de pontos de cada uma delas, havia uma faixa com um pingo dourado no meio, como um minicinturão de boxe. Aquelas peças tinham imponência.

O jogo em si também parecia outro. Eu achava que bastava combinar números iguais, mas os observava pensando muito antes de cada movimento. Meu pai, que conseguia segurar todas as peças com uma só mão, dizia que era um jogo de estratégia, que exigia bom raciocínio matemático.

– Você pode ter três pedras possíveis na sua mão, mas uma é sempre melhor que as outras. Tem que pensar no parceiro também, não pode fechar ele.

Todos se referiam às peças como “pedras”, e aquilo me impressionava. Não entendia muito bem o porquê de uma ser melhor que as outras, nem sabia que havia um parceiro. Eu me confundia ainda mais quando eles diziam palavras como “doble”, “quina” e “terno”. No fim, ia embora desolado. Onde já se viu um jogo feito para diversão nos obrigar a fazer contas?

Meu pai jogava por horas. Em casa, usava o computador. No futebol com os amigos, levava uma pequena maleta e armava a mesa para a jogatina logo após o término da pelada. Nem se pudesse eu participaria daquilo. Teria medo de errar um lance bobo e receber um olhar de desaprovação, uma bronca. Sabia que não conseguiria raciocinar daquele jeito e preferia nunca me meter.

Lembro que, durante todo o tempo em que o churrasco era preparado no sítio, ele ficava jogando. Colocava uma peça, levantava, virava a carne, sentava, fazia cara de mistério, falava uma gíria antiga do dominó, colocava outra peça, levantava, virava a carne novamente, e assim ia. Apesar de não estar muito perto, eu me esforçava para ficar no seu campo de visão. Punha meu aparato futebolístico, que consistia em uma camisa folgada e um par de chuteiras sem cravos, e tentava fazer embaixadinhas para ser notado. O campinho ficava logo atrás da casa principal, e era lá que eu queria ir.

O gramado tinha algumas irregularidades, como buracos e formigueiros. As traves, feitas com toras de árvores dali, balançavam e ameaçavam tombar toda vez que a bola as atingia, em especial se o chute fosse do meu pai. Jogávamos no gol mais perto da casa, na frente de um pequeno barranco que servia de proteção para a bola não ir longe toda hora. Mesmo assim, ela ia vez ou outra e, independentemente de quem havia chutado, era sempre eu quem ia buscar.

Meu pai mandava bolas altas e gritava para eu me esforçar na defesa. Depois batia por baixo e dava risada se eu me sujasse de terra. Quando trocávamos de posição, e tive consciência disso tempos depois, ele

nunca deixava a bola entrar de propósito, para me agradar. Se eu chutasse de bico ou imitando alguma mania de jogador de futebol, ouvia sua tirada sarcástica.

– Deixa de ser nó-cego! Chuta direito!

Às vezes ele pegava a bola e a gente ficava jogando o que chamávamos de “driblinho” pelo campo. Passava por mim duas ou três vezes com facilidade e depois era minha vez de tentar alguma finta em cima dele. Sentia que não recebia um tratamento de criança que quer brincar, e isso me animava.

Meu pai batia um bolão, sem exagero. Sempre o acompanhei nos diferentes grupos de pelada. Terça à noite, quinta à noite, sábado de manhã. Areia, campo, *society*. Seu biotipo de tenista disfarçava sua habilidade com a bola no pé para quem o observasse de longe. Até hoje, foi o melhor que vi jogar. Prático para ir em frente quando visse a primeira brecha; esperto na descoberta das melhores jogadas entre todas as possíveis; confiante a ponto de arriscar um lance imaginativo quando menos se esperava; mas também irritado se as coisas não saíssem do seu jeito e individualista ao achar que precisava jogar sozinho.

Quando ele se cansava ou sentia que precisava voltar para a churrasqueira, subíamos e eu parava no meio do caminho para pegar limões. Caminhava entre as árvores, chegava ao limoeiro e ia arrancando um por um. Depois fazia uma trouxa com a camiseta e levava tudo até o puxadinho. Meu pai os cortava e ia despejando o suco em cima das costelinhas de porco.

Eram limões bem pequenos e cor de laranja, lembravam bolinhas de pingue-pongue. O gosto também era sutil, mais adocicado. Meu pai passava os dentes pelo osso para tirar toda a carne e lambia os beiços, com cara de satisfação. Meu avô fazia o mesmo. Parecia ensaiado.

– Pai, quantos quilos o vovô pesa?

– Depende da hora do dia.

Meu avô havia trabalhado por anos na central de abastecimento

da capital, vendendo melancias. Sua barriga tinha o formato das frutas que vendia.

O pós-almoço no Recanto das Seriemas era sempre igual. Lentamente as pessoas iam se encostando em algum lugar. Era um cochilo coletivo, do qual todos da casa participavam, menos eu. Preferia explorar o sítio sem ser incomodado. Descia por trás do puxadinho, atravessava a horta da minha avó e ia olhar o galinheiro. Pegava uma folha qualquer e jogava para dentro do cercado para ver aquela meia dúzia de galinhas disputando o alimento. Elas bicavam e ciscavam, emitindo um som estridente. Eu tentava imitar, colocando a cara na cerca e fazendo “pó-pó-pó”. Nada feito, ninguém me dava bola. Sentava por uns minutos na grama e depois ia embora, cansado da atitude que elas tinham comigo.

Quando subia e via tudo em silêncio, abria o carro e me acomodava no banco do motorista. Ligava o rádio, procurava o jogo do Corinthians e ficava escutando a narração acelerada. Não tirava os olhos do aparelho, como se estivesse vendo a partida pela televisão. Imaginava a torcida, os uniformes, as jogadas perigosas. Se o adversário marcava, diminuía o volume até o mudo para não ouvir. Se era gol do meu time, apertava rapidamente os botões para escutar melhor e tentar dublar a vinheta.

É goooool! Que felicida-aa-deee!

É goooool! O meu time é *alegria da cida-a-de!*

Mais ou menos no meio do segundo tempo, os adultos da casa iam acordando e vagando sem pressa, como sonâmbulos. Logo a garrafa térmica de café era posta sobre a mesa e todos iam se servir. Meu pai enchia o copo americano, sentava em um banco e apoiava as costas e o cocuruto na parede. Bebericava com calma, abrindo os olhos devagar. Às vezes, terminava e enchia o copo novamente.

Voltávamos para São Paulo no fim da tarde. Meu pai guiava e minha mãe ia no banco do passageiro. Atrás, minha irmã escutava músi-

ca no *discman* e eu ficava deitado com a cabeça no colo dela. Às vezes, quando não olhava para o teto ou pela janela, observava meu pai – a parte de trás da cabeça, a nuca, as orelhas, os cabelos acinzentados, a barba rente às bochechas... Não imaginava que um dia ele fosse morrer.

## 2

Acordei com frio e senti a bochecha molhada. Ainda deitado, olhei para o tecido cinza do sofá e vi uma pequena poça de saliva na frente do meu rosto, bem embaixo do nariz. Minha mão esquerda formigava e eu não conseguia sentir os dedos. A persiana que cobria a janela atrás de mim balançava devagar, produzindo um barulho parecido com o das sacolas que eu enchia de conchas e areia nos antigos verões em Ubatuba – um chocalho em ritmo lento.

O telefone tocava. Percebi que a sala já não tinha luz, indicando o começo da noite, mas eu ainda estava sozinho em casa. Um perigo. Meu pai chegava do trabalho pontualmente às seis e meia, e ser pego esparramado no sofá, dormindo e babando, não era minha primeira opção para nenhum dia.

– Fez o que hoje?

– Nada.

– Fácil, né?

Meu pai não fazia longos discursos nem dava broncas elaboradas, com lições de vida e frases de efeito. Eu estava acostumado com os comentários curtos e ácidos, já sabia tudo o que ele queria dizer com aquele “Fácil, né?”. Na verdade, posso me lembrar tranquilamente dos raros momentos em que precisei ouvi-lo por um longo tempo, de cabeça baixa.

Quando tinha doze anos de idade, na sétima série<sup>1</sup>, tive que escolher um livro para ler nas férias de julho e optei por *A ilha do tesouro*. Deixei o troço na mochila. Fui à casa de amigos, joguei futebol, fiquei acordado até tarde para ver filmes na televisão, passei todas as fases do videogame e meu pai não disse uma palavra. Um domingo antes da volta às aulas, de manhã, ele perguntou da leitura, e eu disse que estava quase acabando.

– Pega lá e me mostra onde você tá, então.

Caminei para meu quarto considerando a viabilidade de rapidamente fazer uma corda com lençóis e escapar pela janela, como nos filmes de ação que eu alugava na videolocadora da esquina. Voltei para a cozinha e entreguei o exemplar amarelado aberto em uma página aleatória. Meu pai me olhou.

– Você leu até aqui?

– Sim.

– Explica aí a história.

Fiquei quieto. Meu pai virou a cabeça e me encarou, mexendo a mandíbula para o lado. Pensando hoje, acho que talvez estivesse ponderando que tipo de bronca me daria. Se era isso, escolheu a opção demorada e em alto volume. Ele sabia que eu não havia lido nada, mas esperou até o momento final para me ver enrolado em uma mentira.

– Até a noite quero uma explicação detalhada de cada capítulo.

Li o livro inteiro guiado pelo medo. À noite, ele se contentou com um resumo rápido da história e me mandou para a cama. Não me lembro de absolutamente nada sobre a discussão de *A ilha do tesouro* na escola, porém tenho a clara memória daquele domingo e da bronca que tomei do meu pai.

O tempo passou e, naturalmente, o que era raro foi quase deixando de existir. Quando eu estava no colegial, o estilo menos alongado

---

<sup>1</sup> Foram mantidas as nomenclaturas usadas na época para os anos e segmentos escolares. (N.E.)

já predominava. Por isso me acostumei; foi uma evolução gradual, como se ele fosse dando um apelido para as broncas, encurtando-as sem que perdessem o sentido.

E daquela vez eu tinha vinte anos, fazia o último ano de faculdade e estava desempregado. Ser pego dormindo no sofá em um dia de semana tinha algo a ver com vergonha também, com um sentimento de inutilidade, de não aproveitamento de privilégios. A vida adulta me abria as portas havia tempos e eu não entrava.

A passagem para a maioridade veio de maneira banal, mas não menos impactante. Todas as possibilidades que borbulhavam na minha cabeça anteriormente não existiam mais. Tudo o que eu achei que poderia ser, os talentos que eu pensava possuir, meus interesses e paixões de anos anteriores pareciam não ter valor para aquele momento. Eu não escreveria roteiros de filmes ou séries, não estaria à frente de um programa de entrevistas, não seria contratado para ter uma coluna no jornal.

A verdade é que havia começado um curso de jornalismo três anos antes e, até então, não tinha ideia do que fazia lá. Os amigos do colégio ficaram no passado, e ter novos não me interessava nem um pouco, o que me trouxe uma rotina de manhãs isoladas, seguidas de tardes largado em casa e noites procrastinando. Havia trabalhado pouco até ali, em roteiros pequenos para rádio e publicidade. Enviava currículos diariamente, mas sentia como se estivesse colocando um bilhete dentro de uma garrafa e jogando-a no oceano. Achava, como é natural de qualquer jovem, que tudo caminharia no tempo certo – no meu tempo, claro. Não foi o que aconteceu. Não tinha pista alguma sobre meu caminho naquela tarde, e o telefone continuava a tocar.

Eu me virei no sofá, fiquei com a barriga para cima e alisei meus dedos dormentes. Usei a mão direita na tentativa de acordar a outra, cutucando e beliscando a pele. Não atendia o telefone em casa, nunca era para mim. Só que podia ser meu pai e, se fosse, não seria esperto atender com voz de sono. Bocejei e limpei os olhos.

As únicas vezes que ele chegava em casa após o horário usual era quando ia cortar o cabelo, mas nunca avisava. Vinha tarde com a nuca avermelhada e um corte sempre igual, rente à cabeça.

– Fui no Dois Pombos.

O barbeiro se chamava “Dois Irmãos” e meu pai sempre soltava a mesma piada.

– Só faz caca – e ria sozinho.

Era uma graça antiga. Meu pai tinha um repertório delas, e eu já sabia algumas de cor.

– Pai, um amigo meu tá chamando pra viajar esse fim de semana.

– Avisava pra ele que eu não posso.

Pensei que precisava atender. Devia ser algo importante, não uma mera ida ao salão da Vila Beatriz. Podia ser minha mãe ou minha irmã, mas elas só chegavam do trabalho depois das oito, não teriam motivo para ligar. Olhei para a tela iluminada do aparelho e sentei na ponta do sofá. O telefone parou de tocar.

Aos vinte anos, meu pai provavelmente trabalhava e estudava. Talvez tivesse dois empregos. Na verdade, sabia muito pouco sobre seu passado, nunca perguntei e ele não era muito de contar. Meu conhecimento era pontual, adquirido por outras fontes da família.

Sabia que meu avô era português e desembarcou no Brasil com dezesseis anos, para morar com parentes na zona norte de São Paulo. Viu minha avó pela primeira vez em um baile do clube da Portuguesa. Os dois dançaram naquela noite e se casaram cinco anos depois. Ele abriu um bar ali mesmo, ao lado do salão em que se conheceram, das piscinas e do campo de futebol.

Foi onde meu pai passou a infância: no caixa, anotando pedidos de bolinho de bacalhau; no campo de terra, chutando bola; nos trampolins, pulando de cabeça na água gelada; e, nas arquibancadas do Canindé, assistindo de graça aos jogos da Lusa, cortesia dos seguranças que o botavam para dentro por amizade.

Conheceu minha mãe na adolescência e começou a trabalhar

como *office-boy*. Entregava documentos por todo canto da cidade e descansava em balcões de padaria, degustando um pingado e um pão na chapa. Depois, escolheu um curso de faculdade gratuito – administração pública –, trabalhou em empresas, cansou e abriu uma vidraçaria em Perdizes com um amigo. Era só o que eu sabia.

Já era tarde. Espreguicei, estalei os ossos do pescoço e levantei. O telefone voltou a tocar. Fui até o móvel ao lado da porta da cozinha, tirei o aparelho do gancho, apertei o botão e atendi.

– Passa pra sua mãe.

Meu pai tinha um jeito próprio de falar ao telefone, deixando de lado “ois” e “tchau”, indo direto ao assunto e desligando na nossa cara. Em mensagens de texto era a mesma coisa. Em vez de “Onde você está? Com quem? Que horas volta?”, enviava apenas um “?”.

– Ela ainda não chegou. Você tá onde?

Esperei a resposta por alguns segundos.

– Vim fazer uns exames. Pede pra ela me ligar no celular quando chegar, então.

E desligou.